

Opinião



Miguel Prudêncio

Decorridos cinco anos sobre o início da pandemia de covid-19, este é porventura um bom momento para analisar retrospectivamente a história de um período como nenhum outro alguma vez vivido pelas atuais gerações. Como quase todas, esta é uma história com personagens tão diversos como os papéis que desempenharam. E, ainda que classificar esses personagens em “Bons”, “Maus” e “Vilões” possa ser controverso, esse é um exercício que, por razões que se tornarão claras no final deste artigo, julgo que merece a pena fazer. Quem são então, na minha opinião, os bons, os maus e os vilões desta história?

Os bons

Pelo papel insubstituível que tiveram durante a pandemia, há que realçar antes de mais os médicos, enfermeiros e auxiliares de saúde, que tantas vezes colocaram a ajuda às vítimas da pandemia à frente das suas vidas pessoais e familiares. Estas mulheres e homens tiveram de lidar com situações para que nenhum sistema de saúde no mundo estava preparado e de tomar decisões clínicas de enorme exigência profissional e pessoal em função dos recursos disponíveis.

Não nos podemos esquecer das imagens de unidades de cuidados intensivos sobrecarregadas, nem das de filas de ambulâncias à porta dos hospitais, e de reconhecer o esforço de quem esteve na linha dianteira da prestação de cuidados de saúde de que tantos, em tão pouco tempo, se viram necessitados. Sem estes profissionais, o final desta história teria sido, certamente, muito diferente para muitos milhares de pessoas.

Idêntico destaque é devido à ciência e aos cientistas, que se mobilizaram na procura de conhecimento sobre o vírus SARS-CoV-2, na disponibilização de testes de diagnóstico fiáveis, e no desenvolvimento de vacinas contra a covid-19 em tempo recorde.

Nunca é de mais repetir que estas vacinas, comprovadamente eficazes e seguras, marcaram o ponto de inflexão no curso da pandemia e salvaram milhões de vidas por todo o mundo. Além disso, a tecnologia que presidiu à sua criação permanece como um legado de

enorme valor científico, cujo potencial de utilização no combate às mais diversas doenças é incomensurável.

Finalmente, há que referir o trabalho abnegado da Direção-Geral da Saúde, na pessoa da Dra. Graça Freitas, da Comissão Técnica de Vacinação contra a covid-19, do Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge e do Infarmed. É que, sendo sempre fácil criticar retrospectivamente as decisões que foram sendo tomadas ao longo da pandemia, há que não esquecer de que foi necessário tomá-las em tempo real, e com base na melhor evidência científica disponível em cada momento. É claro que foram cometidos erros, alguns porventura evitáveis, mas estou convicto de que, globalmente, o Governo e restantes autoridades fizeram o melhor que era possível nas circunstâncias sem precedentes que se viviam na altura.

Os maus

Infelizmente, nem todos os atores do setor da saúde em Portugal encararam a situação de emergência que se viveu da mesma forma e com igual espírito de missão e de entreajuda. Na verdade, as instituições de saúde privadas parecem ter optado por se colocar de fora deste combate, como bem ilustrado pelo título da notícia publicada a 28 de outubro de 2020 pelo *Expresso*: “A Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo pediu ajuda aos privados mas sem sucesso.” Claro que isto não impediu esses mesmos privados de pedir ao Estado “milhões para compensar prejuízos da pandemia nas PPP”, como titulava o PÚBLICO no dia 22 de fevereiro de 2022, ou de continuarem “a cobrar taxas covid que podiam chegar a 75 euros por pessoa numa fase em que a maioria da população já estava vacinada e em que a pandemia representava um risco muito diferente do inicial”, como noticiava o *Negócios* a 9 de junho de 2022.

Se outra virtude não tiver, esta realidade serve para que não nos esqueçamos de que o Serviço



Nacional de Saúde foi, é, e continuará a ser a espinha dorsal do sistema de saúde português, e de que é dele que todos dependemos em momentos como os que se viveram durante a pandemia.

Os vilões

Tristemente, esta história também tem os seus vilões, muitos deles, embora não todos, sem rosto visível. Refiro-me aos negacionistas, propagandistas de movimentos antivacinas e agentes de desinformação, que procuraram minar a confiança da população na ciência e no conhecimento.

Desde os membros dos grupos “pela verdade” aos de “associações” mais ou menos obscuras, pessoas completamente destituídas de saber médico ou científico esforçaram-se por disseminar mentiras e teorias da conspiração, devolvendo ao léxico comum a palavra “chalupas”, que, até ali, tinha caído em desuso. Esta pequeníssima minoria de “especialistas”, cujos “conhecimentos” foram adquiridos nas redes sociais, procurou contrariar a evidência médica e científica gerada por quem dedicou toda a sua vida ao estudo da medicina e da ciência.

Se vilões há nesta história, são certamente aqueles que, por ignorância, incúria ou pura maldade, objetivamente tentaram colocar em risco a saúde e a vida de todos quantos lhes dessem ouvidos.

Numa história com bons, maus e vilões, temos de nos congratular pelo facto de os papéis principais terem cabido aos primeiros, e de os restantes, felizmente em muito menor número, terem sido relegados para meros papéis secundários ou notas de rodapé.

Muitos se interrogam se estamos hoje mais bem preparados para enfrentar uma pandemia do que estávamos em 2020. Na minha opinião, claro que estamos! O conhecimento científico gerado não se apaga, as tecnologias desenvolvidas não desaparecem e, desejavelmente, a experiência do que correu bem e do que correu menos bem na gestão da pandemia ajudará a decidir mais eficazmente numa próxima vez. Importa agora não esquecer as lições do passado, para podermos saber decidir em quem devemos confiar como protagonistas das histórias do futuro.

Investigador do Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa

